RELATÓRIO DE ATIVIDADES 2018/2020 GT DE ANÁLISE DE DISCURSO – ANPOLL

Em julho de 2018 saímos de Cuiabá com um plano de trabalho em mente e cientes que poderiam vir tempos difíceis e sombrios, mas jamais imaginaríamos cenas que se transformaram quase que em cenários permanentes em um incessante show de horrores que nos vimos mergulhados.

Gostaríamos imensamente de tecer um relatório aos moldes dos anteriores, confrontando metas e ações que se correspondessem em alguns pontos, que pudéssemos aqui relatar ações de trabalhos conjuntos, seminários, congressos e publicações. Não que estes não tenham ocorrido, ocorreram. E ocorreram sempre com muita potência e esforços redobrados (foi preciso superação), sempre primando por profícuas discussões teóricas, engendramentos metodológicos da maior importância; porém, muitas práticas sociais ficaram em suspenso e às vezes o ar ficava pesado, difícil respirar, posto que a atmosfera de dor, as humilhações, a descrença na ciência, enfim, a decepção com o humano. Hoje nos sentimos assim, num misto de exaustão e esforço para ter esperança em algo que virá. Nosso relatório, então, é composto de relato e de desabafo. Mas, principalmente, é composto de agradecimento ao grupo pela força e presenças fortes em todos os momentos. É também composto de expectativas de encontrar em cada um, a compreensão que precisamos.

Entre os meses de julho e dezembro de 2018 vivíamos um misto de esperança e assombro, esperança que nossa democracia não fosse tão frágil e que imperialismos estrangeiros não conseguissem dar as cartas no cenário político de nosso país. E, parafraseando nossa Antonieta de Barros: "vencidos? Não! Desencantados." Iniciamos o ano de 2018 com um brutal assassinato (ainda sem respostas). Reagimos com as armas que conhecemos, a escrita, numa linda iniciativa de Lucília Abrahão e Sousa, Adonai Takeshi Ishimoto , Elaine Pereira Daroz, Dantielli Assumpção Garcia, transformamos em palavras as dores que sentíamos, 751 páginas (assim como muitas outras coletâneas que foram lançadas nos anos seguintes). E 2018 foi um ano de encontros e lutas até o famigerado pleito eleitoral dominado de *Fake News* e o triste desfecho assombro da obtusidade e da violência e da censura sempre à espreita. Um pesadelo de um outubro/novembro que não cessam, e a imagem constante da arma sob o livro, substituindo vidas por estatísticas medonhas. Fomos mergulhados em tempos sombrios, uma derrota para além de um cenário político partidário. Uma derrota que daria seu pior tom nos fatos que se seguiram.

Ainda em 2018, encerramos um SEDISC (Seminário Discurso Cultura e Mídia), evento organizado por três instituições Unicamp, UFRGS e Unisul, na cidade de Palhoça. De mãos dadas segurando forte uns nos outros, ainda com um choro preso na garganta, prevíamos tantas lutas por vir.

Em 2019 nos abraçamos novamente em muitos momentos memoráreis, foram muitos, nos quatro cantos do país, e só para citarmos alguns deles: Guarapuava em fevereiro, em Cascavel em junho, em agosto na UFAM, e em outubro Minas Gerais no Enelin e no SEAD na UFPE. A cada lançamento de livro, a cada mesa, simpósio ou banner, um respiro, um revigorar-se, uma estar junto, na luta e na teoria. Vale o registro da efetiva participação dos membros do nosso GT também na ABRALIN em Alagoas também em maio de 2019.

Durante o ano de 2019 nosso intento de recredenciamento tinha como prazo maio. No entanto, foram pouquíssimos os retornos, embora com prazos prorrogados. O show de horrores e os desmontes das políticas públicas da educação e da cultura nos demandavam,

a cada instante, cartas de repúdio e notas de solidariedade. Sob constante ataque nossas universidades públicas, sob voracidade e apropriações mercadológicas nossas universidades confessionais e comunitárias. Forçando demissões, desligamentos, ou, aposentadorias precoces de membros de nosso GT. Comprometendo, inclusive, o estafe de três coordenadores por linha, como no caso de nossa linha três, com o desligamento de nossa querida Maria Onice Payer do programa de pós-graduação em Ciências da Linguagem da Univás e, infelizmente, os desligamentos não cessaram em 2019 e parece que virou prática em 2020, nas demais IES privadas do país. Embora nosso GT tenha se posicionado fortemente contra tal cenário, mal sabíamos de cartas de repúdio e solidariedade seriam uma constante em nosso cotidiano.

Nossa resistência mais do que nunca se fez necessária em presença, nos encontros, nas publicações, nos projetos em comum. Nossa força vem do laço teórico e afetivo que mantemos no Grupo.

É incontestável o esforço da ANPOLL em participar dos fóruns de discussão das políticas de pós-graduação em um espaço de voto cada vez mais minguado no campo das humanidades.

Em junho de 2019 fomos instados a nos posicionar como grupo a iminência de um desmonte ainda maior em nossa área por parte das "novas políticas" a serem adotadas, sobretudo, quanto à distribuição de bolsas de estudos e pesquisa no país, e fechamento de programas de bolsas internacionais. No encontro de Maringá os Gts então precisariam se posicionar a partir de eixos sugeridos, fazendo constar ações de pesquisa enquanto grupo de trabalho nas pesquisas de pós-graduação, a saber: a) Internacionalização da Língua Portuguesa e Cultura Brasileira; b) Inclusão Social e Ensino Fundamental e Médio; c) Língua e Cultura Indígenas Brasileiras; d) Formação de leitores e Cultura Literária. Levamos à plenária a afirmação de que cada linha deste GT apontando para correspondências importantes frente à demanda proposta para o fórum a respeito das Diretrizes de Ação Política da Pós-Graduação e da Pesquisa da ANPOLL. Embora tenhamos compreendido a validade de tal solicitação, sendo o principal objetivo "dar visibilidade à Área de Linguística e Literatura e de demonstrar nossos "potenciais de atuação e de contribuição para a língua portuguesa e cultura brasileira" e/ou de protagonizar "a promoção de políticas públicas, pensando no melhor emprego dos recursos humanos e das pesquisas produzidas em nossos GTs e na pós-graduação", apontamos em tal documento que, em nosso entendimento, a prudência de não embarcar em uma lógica imediatista que visasse produção e produtos sem seu tempo necessário para maturação. Nos dias de trabalho que se seguiram durante o encontro de Maringá foi possível discutir junto aos demais coordenadores as diretrizes propostas, assim como registrar a preocupação com o cenário que estava se desenhando em nosso país. Apontamos à época que para fortalecer nossa área, precisamos compreender as diretrizes que nossos avaliadores como a CAPES, por exemplo, iriam seguir dali para frente, posto que observamos uma oscilação das ações governamentais que se movimentam entre a opacidade de critérios e o ataque à educação pública e democrática, especialmente no que tange às questões do discurso. Tal demanda, permitiu-nos revisar e confrontar nosso Plano Bienal de trabalho com a proposta delineada, e pensar ações mais pontuais e efetivas para levantar o perfil de pesquisa individual dos membros do grupo, este último sendo um trabalho a médio e longo prazo visando ao encontro de 2020.

Um planejamento que se mostrava promissor e politicamente responsável, apenas não contávamos (assim como o restante do planeta) com uma profunda crise sanitária e de

saúde pública como a Pandemia por COVID-19, podemos nos poupar em descrever nosso cenário devastador agravados por um governo genocida.

Desde março de 2020 estamos privados da convivência física e sabemos o quanto custa a falta de um abraço! Alguns de nós adoeceram, vimos adoecer quem amamos, perdemos pessoas amadas, uma triste realidade da ordem o impensado, quase insuportável.

Muitos de nós engolidos por uma exigência: a onipresença num trabalho que nos enche de links a cada instante, viramos avatares permanentemente on-line.

Como pesquisadores da AD sabemos que a crise sanitária é agravada por uma crise de linguagem, pelo afrouxamento do laço social e que o neo-liberarismo em crise, instala um fascismo iminente.

Tivemos que nos reinventar em presença, o importante era estarmos juntos, mesmo em formato de um quadro de Mondrian. E foi assim de quadrado em quadrado, de plataforma em plataforma que fomos ficando juntos, produzindo juntos, protestando juntos, fazendo pesquisa e política juntos. Desconhecemos outra forma de ser e estar no mundo. Para estarmos em uma *live* de um colega do grupo de trabalho, muitas vezes tivemos que ultrapassar nossas próprias dores, traço este, que faz parte de cada um de nós. Talvez, por isso mesmo, tenhamos o GT mais numeroso da ANPOLL e isso deve ser lido como capacidade de laço social, afetivo e teórico.

Desta forma, e por tudo relatado/desabafado até aqui, é impossível listar ações ou cumprimentos de metas de um plano de trabalho desenhado no já conturbado 2018. Tratamos de sobreviver. Tratamos de estarmos juntxs, como grupo, onde e como fosse possível. Nossos números de eventos remotos, nossas publicações e, até mesmo nossas participações em aula de colegas, ao longo de 2020 atestam de sobra o quanto somos um Grupo de Trabalho, mas acima de tudo, um grupo político, um grupo de afeto.

ENANPOLL 2020
GESTÃO 2018-2020/21
Nádia Neckel (Unisul)
Verli Petri (UFSM)